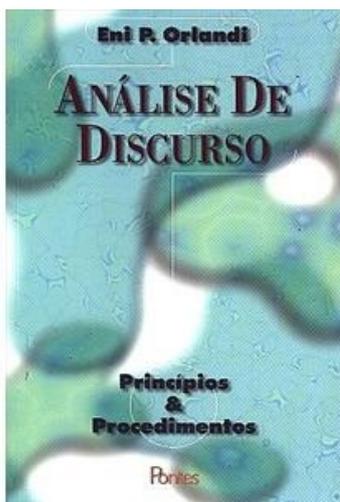


RESENHA

INTRODUÇÃO À ANÁLISE DO DISCURSO: princípios e procedimentos de Eni Orlandi



Por **Francilane Lima de Sousa** 
Universidade Federal do Piauí
Teresina, Piauí, Brasil

José Ribamar Lopes 
Universidade Federal do Piauí
Teresina, Piauí, Brasil

Dados catalográficos da obra
ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

DOI: <https://doi.org/10.22409/mov.v7i15.44537>

Em **Análise Discurso: princípios e procedimentos**, Eni Orlandi nos convida a compreender algumas noções da análise do discurso. A obra estrutura-se em três capítulos e uma conclusão a partir daí ela trata como nos relacionamos com a linguagem enquanto sujeitos sociais que somos. Esta obra nasceu da insistência de alunos e editores para que ela fizesse uma introdução à análise do discurso.

No primeiro capítulo intitulado: O discurso, Orlandi discute que a Análise do Discurso é fruto de diferentes formas de significar a linguagem. Ela trata da fala do homem em seu movimento e em seu percurso, compreendendo o sentido da língua. Relacionando linguagem a sua exterioridade. É posto que o analista do discurso visa restaurar o sentido do mencionado no tempo e no espaço das práticas

do homem, descentrando a noção de sujeito revitalizando autonomia do objeto da linguística. Ela reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como ela se manifesta na linguagem. Trabalhando a relação língua discurso e ideologia. É tratado que a Análise do discurso não procura atravessar o texto para encontrar o sentido, ela busca perguntar como texto significa, visto que o texto é uma totalidade com sua qualidade particular com sua natureza específica.

Mais uma noção que a autora aborda é de que a análise do discurso leva em consideração as condições de produção da linguagem pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a fala e as condições em que se produz o dizer. Para análise do discurso a linguagem não é transparente. Se constituindo em três domínios disciplinares: Linguística, Marxismo e Psicanálise, sem ser absorvida por elas. Para AD a língua tem sua própria ordem, a história tem seu real afetado pelo simbólico e o sujeito descentrado é afetado pelo real da língua e pelo real da história não tendo controle sobre o modo como elas afetam.

Orlandi aprofunda a noção de discurso propondo que a AD em confluência com esses três campos de concentração conhecimento constitui um novo objeto que vai afetá-las em seu conjunto, este novo objeto seria o discurso. O discurso não se trata de uma mensagem realizada onde o emissor transmite a informação para o receptor, o discurso traduz de efeito de sentidos entre locutores. Também não deve ser confundir discurso com fala. O discurso tem sua regularidade e funcionamento que é possível aprender. Carregando em si o povo social e o histórico, sistema e a realização, o subjetivo e objetivo, o processo ao produto. A língua é assim condição de possibilidade de discurso, porém a fronteira entre língua discurso e posta em causa sistematicamente em cada prática discursiva.

No segundo capítulo: Sujeito, história e linguagem, a autora reflete mais sobre os conceitos teóricos da AD e traz que na perspectiva discursiva a questão sobre a linguagem e seus sentidos. Ela só faz sentido porque se inscreve na história. A AD reúne três regiões de conhecimento em suas atribuições contraditórias: a) a teoria da sintaxe e a enunciação; b) a teoria da ideologia e c) a teoria do discurso que é a determinação histórica dos processos de significação tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica. A AS visa

compreender como os objetos simbólicos produzem sentido, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido como parte dos processos de significação. Daí proposto que se distinga a inteligibilidade, a interpretação e a compreensão. Onde a inteligibilidade refere-se ao sentido da língua, a interpretação ao sentido pensado no cotexto e no contexto e a compreensão é o saber como o objeto simbólico produz sentidos.

Em síntese a AD visa a compreensão de como objeto simbólico para os sentidos para e por sujeitos organizada em gestos de interpretação que se relacionam sujeito e sentido. Cada análise é diferente, pois mobiliza conceitos diferentes e por sua vez tem análises diferentes na discriminação de materiais. Daí a necessidade de distinguir dispositivo *teórico* da interpretação de dispositivo *analítico* construído pelo analista, embora um envolva o outro. “Feita análise, e tendo compreendido o processo de se ver os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentos teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu” (p.26).

Outro aspecto explorado é que os discursos não são apenas mensagens a serem decodificados, são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas presentes no modo como se diz nos quais o analista do discurso vai encontrar pistas para compreender os sentidos e tem a ver com que é dito também com os lugares como também com o que não foi dito. As condições de produção compreendem o sujeito e a situação: é o contexto imediato inclui o sócio-histórico, ideológica. A memória é um interdiscurso, O que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer o que retorna sobre a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Desta forma, o sujeito não tem controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Disso se deduz que há uma relação entre o já- dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, entre outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. O interdiscurso

seria vertical e teria todos os dizeres já ditos e o intradiscurso seria horizontal e seria o eixo da formulação, aquilo que estamos dizendo. Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). Sendo necessário distinguir duas formas de esquecimento no discurso o esquecimento da iniciação onde se acredita que aquilo só pode ser dito com aquelas palavras e o esquecimento ideológico resulta pela forma como somos afetados pela ideologia.

Ao pensar discursivamente a linguagem torna-se difícil traçar limites entre o mesmo e o diferente a partir daí considera-se então dois processos o parafrástico e o processo polissêmico onde a paráfrase seria o retorno aos mesmos espaços dizer e a polissemia o deslocamento e a ruptura de processos de significação. As condições de produção se relacionam com sentidos, pois não há discurso que não se relacione com outros um discurso a conta para outras que os sustentam. Assim como para dizeres futuros. O lugar de fala muda totalmente a perspectiva do discurso e o processo de argumentação. As condições de produção implicam o que é material, o que é institucional e o que é imaginário.

Dessa maneira Orlandi coloca a noção de que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. A formação discursiva se define como aquilo que uma formação ideológica dada determina que possa e deve ser dito: o discurso se constitui em sentidos porque aquilo que o sujeito de se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro as palavras falam com as outras; é pela referência com a formação discursiva que podemos compreender o funcionamento discursivo dos sentidos das palavras iguais que podem significar diferentemente porque se escreve informações discursivas diferentes.

Sendo assim, não há discurso sem sujeito sem sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligado pela língua. Orlandi também caracteriza o sujeito livre e o sujeito submisso. Ele pode tudo dizer contanto que se sujeita a uma língua para fazê-lo é o que chamamos de base para assujeitamento.

A condição da linguagem a incompletude, nem sujeito nem sentidos estão completos. Estão sobre o entremeio da relação, da falta, do movimento. Os sujeitos são ao mesmo tempo a língua e a história, ao estabilizado e ao e realizado, os homens e sentidos fazem seus percursos, mantêm a língua, se detêm junto às margens, ultrapassam limites de transbordo, refluem. Daí proposto três tipos de repetição: a repetição empírica, a repetição formal, e a repetição histórica.

No **terceiro capítulo Dispositivo de Análise**, Orlandi trata noção de dispositivos de interpretação entre o dito e o não dito e sua relação com o sujeito através dos sentidos e de suas palavras. Uma palavra pode significar diferentes coisas dependendo de quem diz e como se diz. A constituição do corpus é um importante. A delimitação dele não segue critérios empíricos, mas teórico. Distinguindo-se corpus experimental e de arquivo. A construção do corpus de análise está ligada ao que faz parte do corpus e a sua constituição discursiva em consonância com os métodos e procedimentos não visa demonstração, mas mostrar como discurso funciona produzindo efeitos de sentido.

Outro ponto é que a análise começa pelo estabelecimento do corpus frente ao material e a pergunta que o organismo. Quanto à textualidade discursividade o texto pode ser oral ou escrito por que o texto é texto por que significa. Desta maneira discurso é efeito de sentido entre locutores, que funciona como modo de assegurar a permanência de uma certa representação. o locutor de um discurso é aquele que se representa como o eu e estabelece o discurso de acordo com sua coerência. Assim como o que é dito apaga outras palavras o não dizer configura o subentendido o pressuposto. Pode-se afirmar que o discurso gira em torno de três tipologias o discurso autoritário, o discurso polêmico e o discurso lúdico.

Finalizando, na **Conclusão**, a autora trata de discurso e ideologia na qual ela revela que o sentido é história e que o sujeito se significa nela. A análise do discurso compreenderia a ideologia e sua intervenção no discurso. Esta impregnada na linguagem daria sentido ao discurso do sujeito.

Esta obra é uma bastante didática onde apresenta conceitos iniciais e esclarecedores na demanda de Análise do Discurso. Na qual vários conceitos como : discurso, sujeito, entreio, condições de produção, sentidos puderam ser

esclarecidos. Embora a autora evidencie em seu prefácio que tenha resolvido fazer outra coisa do que pedido por seus alunos e editores, pode-se elencar *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* como uma excelente obra para iniciar as discussões em AD, por apresentar uma linguagem clara, objetiva e desmiúçar diversos pontos que compõem a AD levando a pontos de reflexão sobre suas áreas de conhecimento basilares, todavia deixando claro que a AD não se submete à elas tendo seus próprios princípios analíticos perante a linguagem e seus sujeitos.

Referência

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

SOBRE A AUTORA

FRANCILANE LIMA DE SOUSA é mestranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí, Especialista em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Faculdade Internacional do Delta (FID), possui graduações em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí e Letras-Libras pela mesma instituição.

E-mail: lanelima2022@gmail.com

JOSÉ RIBAMAR LOPES é doutor e mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI), membro do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise de Discurso (NEPAD/UFPI) e fundador e coordenador do Laboratório Experimental de Ensino e Pesquisa em Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq) do Colégio Técnico de Floriano (CTF/UFPI).

E-mail: ribas@ufpi.edu.br

Recebido em: 11.08.2020
Aceito em: 18.08.2020